

A originalidade do vocabulário açoriano

Barbara Hlibowicka-Węglarz

Universidade Marie Curie-Sklodowska (Polónia)

Barbara Hlibowicka-Węglarz. UNIQUENESS OF VOCABULARY OF THE AZORES

Abstract: Portuguese language which is being spoken by Azorians is very much diversified as far as its phonological, morphological as well as lexical level is concerned.

It seems that the diversification of the vocabulary on the islands is a result of a social and historical background in which different communities were being formed on each and every island separately during their population process in 15th century. The subsequent isolation of the entire archipelago as well as of individual islands throughout centuries might have influenced the current vocabulary which is rich in archaisms and words of a folk elements.

The aim of this study is to analyze the vocabulary of the Azorean islands in particular of São Miguel and Terceira island which were two initially explored and populated islands on the Azorean archipelago.

Keywords: vocabulary, archaisms, Portuguese language, the Azores

Барбара Хлибовицка-Вегларш. АВТЕНТИЧНОСТТА В ЛЕКСИКАТА НА АЗОР-СКИТЕ ОСТРОВИ

Резюме: Португалският език, говорен от жителите на Азорските острови, е изключително разнообразен от фонологична, морфологична и лексикална гледна точка.

Смята се, че разнообразието на островната лексика е резултат от социални и исторически фактори, изиграли роля за обособяването на различните островни общности по време на заселванията през XV в. Последвалото изолиране на целия архипелаг, както и на отделните острови през вековете е повлияло на съвременната лексика, която изобилства от архаизми и народни елементи.

Целта на изследването е да разгледа обстойно лексиката на Азорските острови, в частност лексиката на островите Сан Мигел и Терсейра, като едни от първите заселени и изследвани острови от Азорския архипелаг.

Ключови думи: лексика, архаизми, португалски език, Азорски острови

Introdução

O arquipélago dos Açores, um território autónomo de Portugal, é um conjunto de nove ilhas, situado no Oceano Atlântico, cerca de 1500 km de Lisboa. É dividido em três grupos distintos: grupo ocidental (Corvo, Flores), grupo central (Faial, Graciosa, Pico, São Jorge, Terceira) e grupo oriental (Santa Maria, São Miguel). Devido à sua localização geográfica na encruzilhada das rotas marítimas durante vários séculos da sua história, as ilhas desempenharam um papel muito importante não só na história de Portugal, mas também na história do Atlântico.

Os açorianos falam um português que tem as suas características próprias e que difere do português continental. Além disso, é interessante notar que o português açoriano não é homogéneo e apresenta diferentes variedades de ilha para ilha, tanto no nível fonológico, morfológico, como lexical.

O presente estudo está orientado para o léxico. Neste contexto, o objetivo do trabalho é analisar a variação linguística do vocabulário açoriano para evidenciar que a variedade vocabular que caracteriza o arquipélago hoje em dia reflete uma sociedade mista formada e evoluída em condições específicas que esta região viveu nos tempos remotos.

Para dar uma imagem completa de todo o contexto sócio-histórico e linguístico da formação de uma sociedade nas ilhas, e, por consequente, da formação do vocabulário açoriano, seria necessário referir-nos a uma análise detalhada da história das ilhas, sobretudo às épocas que, por diversos motivos, deixaram na língua mais vestígios. Entre os períodos que influíram de modo significativo no léxico açoriano vale a pena enumerar, pelo menos, o chamado período do “congelamento” do português do século XV, por um lado, e o período de uma abertura das ilhas nos séculos XIX e XX, por outro. O primeiro deles resultou do isolamento das ilhas durante vários séculos desde o início da povoação do arquipélago, o segundo, foi resultado de fluxos migratórios da população açoriana para os Estados Unidos da América e para o Brasil, assim como da entrada das novas tecnologias de informação.

Tendo em conta o facto de que no nosso estudo não seria possível referir-nos a todos os períodos citados, propomos concentrar-nos no primeiro deles, isto é, na época do povoamento das ilhas, e apresentar algumas observações sobre a riqueza do léxico açoriano que mantém até hoje as numerosas unidades lexicais trazidas para as ilhas nos tempos passados. Nesta perspetiva, tentaremos evidenciar também as razões internas e externas que levaram à formação e à manutenção de numerosos vocábulos considerados arcaicos e populares.

Vale a pena acrescentar que vamos destacar os falares das maiores ilhas do arquipélago, isto é, São Miguel (grupo oriental), e Terceira (grupo central), as primeiras a serem descobertas e povoadas, ilhas que desempenharam um papel muito importante não só durante o período áureo da expansão marítima, como também na história recente.

Antes de passar à análise do vocabulário micaelense e terceirense parece importante recuarmos a uma época de povoamento das ilhas para refletir sobre as origens do povo açoriano e a formação da sociedade nas ilhas em análise. Já no início, apresentamos uma hipótese de que a predominância de uns ou outros grupos migratórios no arquipélago ser um dos fatores através dos quais é possível explicar a diversidade do léxico açoriano.

A recolha lexical para este estudo processou-se, essencialmente, através da consulta de obras recentemente publicadas. A maior parte dos vocábulos foram recolhidos no *Dicionário de Falares dos Açores*, de autoria de Soares de Barcelos (2008). Consultamos também outras obras, com destaque para *O Falar Micaelense (fonética e léxico)* de Bernardo & Montenegro (2003) e *Atlas linguístico-etnográfico dos Açores* de Ferreira, Saramago *et alli* (2001).

As condições sócio-históricas do povoamento das ilhas

As ilhas foram descobertas pelos Portugueses na primeira metade do século XV, no sentido de progressão de leste para oeste, primeiro as ilhas do grupo oriental, a seguir as ilhas do grupo central e ocidental.

As ilhas encontraram-se desabitadas e o povoamento delas foi também gradual, começando pela maior ilha do arquipélago, São Miguel, e depois as restantes ilhas. Os Portugueses povoaram as ilhas sobretudo com a gente oriunda de Portugal, particularmente das regiões do Algarve, do Alentejo e do Minho, destacadas como fornecedoras de colonos. Os historiadores relatam também a presença de pessoas vindas de outros países da Europa (Italianos de Génova, e Alemães, em pouco número), com particular destaque para povoadores flamengos com a maior presença nas ilhas centrais. Confirma-se também a presença de escravos (mouriscos e negros), assim como a presença de indivíduos de origem judaica e povoadores oriundos da Madeira.

No entanto, não nos podemos esquecer que cada ilha do arquipélago, devido aos períodos diferentes do seu povoamento, ter vivido a sua própria história, escrita nas condições histórico-sociais bem diferenciadas. Embora no povoamento do arquipélago houvesse uma participação de várias regiões de Portugal, em cada ilha verificava-se um predomínio de uma ou de outra região, sem contar a participação de diversos estrangeiros presentes no arquipélago naquela altura.

O descobrimento e a colonização de São Miguel oferecem dados mais precisos que as demais ilhas. Acredita-se que a ilha tenha sido descoberta entre 1426 e 1439. Aproveitando o testemunho de um cronista Frutuoso (1964: 7) havia duas levas de povoamento das quais a segunda leva pode ser considerada como o verdadeiro povoamento. O autor diz que as primeiras migrações não foram de classes populares mas confirma também a colonização posterior de extração popular.

Entre os pioneiros da colonização micaelense figuram homens nobres e fidalgos oriundos principalmente do Algarve, do Alentejo e do Minho, incluindo alguns na-

turais de África, emigrados por influência do Infante D. Henrique. Desde o tempo das primeiras migrações vieram também os escravos mouros e os negros que acompanharam as famílias dos primeiros povoadores e que trabalhavam nos serviços domésticos. Por isso, os historiadores falam da heterogeneidade das proveniências nos primeiros anos da colonização, sublinhando a predominância das pessoas do sul do continente.

A ilha Terceira foi a terceira a ser descoberta por volta de 1450. Devido às grandes emigrações dos portugueses do continente para povoar outras terras descobertas, os historiadores falam de numerosas dificuldades no povoamento da ilha no início de colonização. No entanto, relata-se que vieram para a Terceira os colonos recrutados em Guimarães, Aveiro, Lagos, arredores do Porto, isto é, do Norte de Portugal e da Madeira. Entre os primeiros donatários da ilha havia também Flamengos que vieram para os Açores por influência de Isabel de Portugal, duquesa da Borgonha, a partir de 1449. Segundo os documentos da época havia duas mil pessoas vindas da Flandres que se instalaram no arquipélago, em que ficaram até 1473. Os povoadores flamengos abrangiam várias classes sociais, desde os nobres até aos operários. Desembarcaram primeiro na Terceira, e depois nas outras ilhas dos grupos central e ocidental. Vale a pena notar que a colonização flamenga nunca se verificou nas ilhas do grupo oriental, em São Miguel e Santa Maria, em que o surto migratório era intenso com grupos de colonos vindos do sul de Portugal. Lopes Dias (1982: 30) cita a opinião de Vitorino Nemésio segundo o qual a população terceirense formou-se à custa de sucessivas levas de colonos continentais e madeirenses e de alguns capitães oriundos da Flandres.

O congelamento das formas arcaicas do português do século XV e XVI

Por razões puramente históricas, o português falado nos Açores tem como base o português dos povoadores do século XV oriundos de várias regiões de Portugal que exibiam na sua fala particularidades distintas. Devido ao isolamento das ilhas durante vários séculos da sua história, certo vocabulário arcaico, permaneceu até ao século XX, constituindo hoje em dia uma parte integrante do património cultural do arquipélago. Só com as migrações posteriores e com a vinda de novas tecnologias de informação, algumas diferenças entre o português das ilhas e do continente foram niveladas.

Soares de Barcelos, autor do *Dicionário de Falares dos Açores* (2008: 11) diz que: “o português arcaico ficou preservado como se houvesse sido posto numa cova de gelo”, e cita Paiva Boléo que escreveu numa das suas obras que quem porventura quisesse ouvir falar o português dos séculos XV e XVI, se tirasse de cuidados e fosse à ilha de São Miguel. Da sua parte, Luís Bernardo Leite d’Ataíde regista em 1935 que o português dos Açores se caracteriza pela: “toada e termos arcaicos dos mais puros e castiços, embora com exotismos de pronúncia, tal como foram empregados pelos portugueses coevos de Garcia de Resende”.

Entre os arcaísmos registados no arquipélago existem vocábulos desconhecidos hoje em dia em Portugal continental mas inerentes a épocas recuadas, e outros que, ainda hoje, têm um uso comum em ambas as regiões (Pavão 1977: 49). No primeiro grupo que abrange os arcaísmos já desaparecidos no continente, podemos citar, entre outros : *bonideco* (de boa vontade, boamente), *coitar* (acariciar, fazer festas, cuidar), *começar* (começar), *corpete* (peça do vestuário feminino que se ajusta ao peito, soutien), *des* (desde), *despois* (depois), *emascarar* (mascarar), *fideputa* (indivíduo de má índole), *hétego* (fraco, tísico; abatido, consumido), *marteiro* (martírio), *tãobem* (também), *tôdolos* (todos os), *sintir* (sentir), *~ua* (uma, sua). No segundo grupo encontram-se os vocábulos, tais como: *atimar* (preparar, aprontar), *catar* (procurar), *chanfarrica* (loja de mau aspecto, tasca), *chocalheiro* (maldizente)T, *ponião* (opinião)T, *prantar* (colocar, pôr)T, P, *reger* (guiar, ser próprio), que são usados tanto nas ilhas como no continente, mantendo o seu valor arcaico. Vale a pena notar que a esmagadora maioria das palavras citadas no nosso estudo pertencem ao segundo grupo mencionado.

De realçar também que entre as palavras que são conhecidas tanto no continente, como nas ilhas, usam-se os vocábulos que têm a forma idêntica em ambas as regiões mas com desvio semântico. Soares de Barcelos (2008: 24) menciona que estas palavras têm o significado diferente ou mesmo antónimo em relação ao significado adquirido no continente, como por exemplo: *apelido* com significado de ‘alunha’, em vez de sobrenome; *galante* com significado de ‘insignificante, esquisito’; *dormente* com o sentido de ‘ansioso’; *moscão* designando ‘uma pequenina mosca’, ou o vocábulo *coitar*, já citado. O autor citado (2008: 3) fala também do adjetivo *vexado* que nos tempos de povoamento teria sido levado para as ilhas com o significado de ‘enfarto, cheio, repleto’, e depois evoluiu no continente para *humilhado*, *envergonhado*, *afrontado*, *oprimido*, *molestado*.

Convém acrescentar que, em todas as ilhas, usam-se ainda os vocábulos identificados nos dicionários como as diferentes corruptelas, isto é, deformações das palavras. A maior parte delas são herdadas dos povoadores vindos do continente. A título de exemplos podemos citar os diferentes tipos de corruptelas que se registam nas ilhas, tais como: por apócope: *par* (*para*) muito frequente na linguagem popular de várias ilhas, por aférese: *safate* (*açafate*) em Corvo, por assimilação: *saçardote* (*sacerdote*) na Terceira e Miranda do Douro, por dissimilação: *pássero* (*passáro*) nas Flores, por metátese: *sisunite* (*sinusite*) em São Jorge, por epêntese: *plaineta* (*planeta*) nas Flores, por síncope: *pucra* (*púcara*) assim pronunciado na Madeira, etc. É preciso reparar que no nosso estudo consideramos apenas as palavras que, apesar de terem sofrido corrupções, são conhecidas e usadas tanto nas ilhas como no continente, e registam a região do continente onde também são usadas.

Outra observação a fazer é que alguns vocábulos açorianos têm uso generalizado em todas as ilhas, outros são exclusivos duma ilha só, como por exemplo: *Bei* (interj.) em Santa Maria, *alcavã* (leito do carro de bois), *alferes* (alunha do natural

da Terceira), *costumança* (costume), *chocas* (pés), *requestra* (petição) na Terceira, *alevá* (paciência, deixá-lo), *enganir* (encolher, referindo-se a roupa), *capela* (pálpebra), *carcamanha* (pessoa velha, acabada), *masmorra* (apatia, indolência), *poderes*, *poderio*, *poderiz* (grande quantidade) em São Miguel, *entejo* (enjoo ou náusea da gravidez) no Pico, *exemplo* (exemplo), *quedo* (quieto), *espital* (hospital) em Flores, *aguçoso* (activo, ágil, apresado), *chanfarrica* (loja de mau aspeto, tasca) em São Jorge. O facto de algumas palavras terem-se implantado só numa ilha, sugere que em cada uma das ilhas em que apareceu um vocábulo novo, surgiram as condições específicas que não surgiram nas outras ilhas do arquipélago. Podemos supor também que a distância entre as ilhas e um certo isolamento de cada uma delas não permitiram a expansão das formas novas.

Voltemos à questão da influência da proveniência dos primeiros povoadores na variedade vocabular das ilhas para analisá-la com mais detalhe. Quanto ao processo de povoação do arquipélago, Soares de Barcelos (2008: 30) diz:

No povoamento do Arquipélago há uma participação de quase todas as províncias portuguesas, embora, e dependendo de cada ilha, haja predomínio de uma ou de outra. Santa Maria apresenta na sua linguagem uma grande influência do falar algarvio e dos mouros, vindos como primeiros povoadores da primeira ilha a ser descoberta. São Miguel, além do Algarve, manifesta uma notória influência das gentes da Beira Baixa e Alto Alentejo (...). A Terceira, o Faial, o Pico e parte da Ilha de São Jorge reflectem, na sua linguagem popular, uma grande influência das gentes do Norte do país. A presença do Alentejo é constante em todas as ilhas (...).

No território de todas as ilhas são usados os seguintes vocábulos antigos que se documentam também: no Algarve: *adanar* (nadar), *aprochegar-se* (aproximar-se), *estralho* (náut. parte de gorazeira), *canina* (dim. de cana, caninha), *desasado* (danificado, mal tratado), *gabão* ou *alvacôto* (casaco comprido), *laredo* (baixio, recife, rochedo sob a água), *linguiça* (chouriço fino, feito das tripas do intestino delgado), *panino* (dim. do pano), *quedo* (quieto), no Alentejo: *abeiro* (chapéu feito de palha de trigo), *chavão* (espécie de carimbo gravado em madeira, empregado na ornamentação de bolos), *mariconço* (maricão, maricas), *postela* (crosta de ferida), *trameleira* (mulher linguaruda), na Beira: *gerecer-se* (germinar), *refunfelho* (resmungão), *rilheira* (sulco que fazem num terreno as rodas de um carro), *torno* (borbotão, jacto, jorro), no Norte de Portugal: *mamão* (palerma, parvalhão, toleirão), *mobilhar* (mobilier), *peligrino* (desgraçado, insignificante, mendigo), *selada* (sala-da), *tarear* (dividir uma carga para ficar com o peso igual em ambos os lados), *terminar* (determinar, governar, orientar).

A análise detalhada do vocabulário micaelense e terceirense, recolhidos no *Dicionário de Falares dos Açores* (2008), confirma a presença de muitos vocábulos

comuns em ambas as ilhas que se registam também no Algarve e no Alentejo, como p.ex.: *barrer* (varrer), *criação* (educação) *doutrina* (catequese), *monte* (conjunto de casas no meio rural), *peitogueira* (afeção geralmente aguda, que atinge o trato respiratório, acompanhada de tosse).

Quanto aos vocábulos usados apenas em São Miguel, recolhem-se as palavras registadas também tanto no Algarve: *fatume* (flatulência, pirose), *marmaço* (ar abatido, pesado e quente), *mindim* (mínimo, falando dos dedos), *todos dois* (ambos), no Alentejo: *albarca* (calçado velho e estragado), *enganir* (encolher, referindo-se a roupa), *emarouviado* (abatido, ausente, murcho), *petcheno*, *pecheno* (criança pequena), *virtude* (virtude); como na Beira: *passante* (além, depois), *petcheno* (pecheno).

Entre os vocábulos conhecidos e usados na Terceira notam-se os registados no Alentejo: *caçapo* (coelho pequeno), *corcho* (tabuleiro de madeira destinado ao transporte de argamassa), *emarouviado* (abatido, ausente), *fiampalho* (porção de fiapos), no Algarve: *almareado* (enjoado, embriagado), *giraldinha* (que gosta de divertir-se), *trompicar* (fig. atrapalhar, prejudicar), assim como no Norte de Portugal: *chuiva* (chuva), *crianço* (criança do sexo masculino), *desgrácia* (desgraça), *dous* (dois), *escuitar* (escutar), *ginela* (janela), *estamagado* (afrito, agoniado), *mélroa* (fêmea do melro), *ôndia* (onda), *palhito* (fósforo), *prumeiro* (primeiro), *puxavante* (aperitivo), *tasquinhar* (petiscar), *tortura* (incómodo, transtorno),

Provavelmente pela influência dos seus primeiros povoadores madeirenses por todas as ilhas usam-se as palavras como: *aquilho* (aquilo), *azougar* (apodrecer, estragar-se), *fajã* (terreno plano e baixo, junto ao mar, frequente na toponímia das ilhas), *maneija* (capataz), *matracada* (ruído intenso, grande barulho), *melancão* (vagaroso nas acções, indolente), *nojência* (nojice), *peneirento* (diz-se daquele que tem muita mania, muitas peneiras), *prove* (forma arcaica de *pobre*), *reina* (reinação).

Todos os exemplos acima citados documentam o uso de muitas palavras de raiz popular e arcaizante no atual vocabulário açoriano e, ao mesmo tempo, demonstram uma forte relação entre a proveniência dos primeiros povoadores e a origem de algumas palavras ainda hoje usadas no arquipélago. É muito interessante reparar que tal como aconteceu nas ilhas que viviam num ambiente de um certo isolamento, as regiões portuguesas mencionadas eram também muito mais fechadas sobre si e menos expostas a influências exteriores.

Convém ainda acrescentar algumas observações sobre a herança flamenga nos Açores e destacar um grande contributo da corrente migratória da Flandres dado para o povoamento das ilhas do grupo central. É interessante notar que na cartografia impressa no norte da Europa no século XVI, os Açores ficaram conhecidos como *Ilhas Flamengas*. Os Flamengos deram um importante impulso à economia do arquipélago, sobretudo com a introdução da tintureira pastel que se tornou um dos produtos de exportação para a Europa mais marcantes.

Quanto à influência flamenga no vocabulário das ilhas, é preciso constatar que os Flamengos não deixaram muitas marcas visíveis no léxico. A primeira constatação a fazer é que a herança flamenga nunca se referiu a todas as ilhas mas apenas ao grupo das ilhas centrais onde a corrente migratória da Flandres permaneceu cerca de vinte anos. Outro facto a notar é que a minoria flamenga foi assimilada e os seus descendentes transformaram-se em duas gerações em portugueses (Leite 2012: 69). Os linguistas discutem um contributo dos Flamengos sobretudo para a pronúncia das ilhas, o que põe também muitas dúvidas, e é uma questão controversa. Quanto ao léxico, fala-se de algumas influências flamengas apenas na antroponímia das ilhas, assim como na toponímia. Na antroponímia os flamengos deixaram memória nos nomes de antigos povoadores flamengos que na época teriam formado as elites nas ilhas do grupo central, como por exemplo: *Dutra*, *Silveira*, *Matos* ou *Avila*. Entre os toponímicos de origem flamenga podemos citar, entre os outros: *Espalmanca* de *spaldemaker* com a significação de boa vista, nome de uma Ponta do Faial (Soares de Barcelos 2008: 30), o Porto Pim, ou Vale dos Flamengos (Leite 2012: 70). Neste contexto, é interessante notar que o nome da cidade da Horta vem também da época dos Flamengos e foi dado por um Flamengo, chamado Pedro, conhecido pelo pasteleiro (Leite 2012: 70).

Conclusão

A formação de uma sociedade mista na época do povoamento das ilhas fez com que os primeiros povoadores tivessem tido um papel muito importante na sedimentação de vários aspetos do português açoriano. Por um lado, deixaram nas ilhas numerosos arcaísmos vocabulares, assim como palavras de raiz popular, e, por outro, dependendo da região da sua proveniência, diferenciaram os falares açorianos uns dos outros.

No vocabulário atual do português açoriano, encontram-se, ainda hoje, muitas palavras trazidas para as ilhas das diferentes regiões de Portugal, de que eram oriundos os antigos povoadores. Estas palavras mantêm-se atualmente nas regiões da sua proveniência. Algumas delas são comuns a todos ou vários falares açorianos, outras são específicas apenas a uma ilha só.

As nossas análises permitiram confirmar uma opinião apresentada em Soares de Barcelos (2008: 12) que o falar dos Açores manteve, até hoje, “o seu sabor castiço e uma riqueza lexical invejável”. Devido ao isolamento das ilhas durante muitos séculos, na língua familiar dos habitantes das ilhas pode-se observar, tanto a conservação de numerosas palavras que já tinham desaparecido no continente, assim como as palavras antigas que se mantêm em ambas as regiões. Notam-se também os vocábulos que durante os séculos mudaram de sentido.

Vale a pena acrescentar que o léxico açoriano que pertence ao registo popular e arcaico dá informação sobre a vida e a realidade de uma sociedade mista formada

nos tempos recuados, referindo-se às atividades fundamentais exercidas pela população açoriana desde o seu povoamento até quase aos nossos dias.

Bibliografia

- Bernardo, M. C. Rolão, Montenegro, H. Mateus. *O Falar Micaelense (fonética e léxico)*. João Azevedo Editor, 2003.
- Dias, M. A. Borba Lopes. *Estudo de linguagem e etnografia*. Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982.
- Ferreira, M. Barros, Saramago, J. *Atlas linguístico-etnográfico dos Açores*, A criação de gado, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Direção Regional da Cultura. Açores, 2001.
- Frutoso, G. *Saudades da Terra*, PD, ed. ICPD, Livro V, 1964.
- Leite, J. Guilherme Reis. Os Flamengos na colonização dos Açores. “Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira”. 2012, nr LXIX, LXX, s. 57–74.
- Pavão, J. de Almeida. *Aspectos populares micaelenses no povoamento e na linguagem*. Diário dos Açores, 1977.
- Soares De Barcelos, J.M. *Dicionário de Falares dos Açores*. Almedina, 2008. (Abreviação: DFA)
- Xavier, M. F., Mateus, M. H. *Dicionário de termos Linguísticos, vol.1*. Edições Cosmos, 1990.

Проф. д-р Барбара Хлибовицка-Вегларш

Катедра „Португалистика“

Университет „Мария Склодовска-Кюри“

Адрес: пл. Мария Склодовска-Кюри 4, Люблин, Польша

✉ hlibowickaweglarzb@gmail.com

Prof. Barbara Hlibowicka-Weglarz, PhD

Department of Portuguese Studies

Maria Curie-Skłodowska University

Address: Pl. M. Curie-Skłodowskiej 5, 20-031, Lublin, Poland

✉ hlibowickaweglarzb@gmail.com